

## Essa mulher

O conto intitulado "Essa mulher" se refere, é claro, a um episódio histórico que todos na Argentina conhecem. A conversa que ele reproduz é, no essencial, verdadeira. O tema de "Vigília" [Imaginaria] chegou até mim há muitos anos, como sendo autêntico, pela boca do meu amigo Héctor Carrolica. Os personagens e incidentes dos demais textos são fictícios; isso obviamente não vale para o pano de fundo sobre o qual se passam.

Para satisfazer eventuais curiosidades, posso dizer que o conto que mais trabalho me deu foi "Fotos". Comecei a rascunhá-lo sete anos atrás, e passou por muitas versões. "Vigília", em compensação, foi escrito de uma sentada, sem pausas. Comecei a escrever "Essa mulher" em 1961, só o terminei em 1964, mas não levou três anos, e sim dois dias: um dia de 1961, um dia de 1964. Ainda não descobri as leis que fazem com que certos temas resistam por lustros inteiros a muitas mudanças de enfoque e de técnica, enquanto outros são escritos quase que por conta própria.

Nos meus planos iniciais, este livro deveria incluir mais alguns contos. Um deles, "Os ofícios terrestres", daria nome ao volume. Esse conto ainda não se deixou escrever, mas resolvi manter o título, um pouco por superstição, mas também porque ele não me parece de todo estranho ao conteúdo fáctico ou explícito destas histórias.<sup>1</sup>

RJW

<sup>1</sup> O conto seria publicado dois anos mais tarde, em 1967, integrando o volume *Un kilo de oro*, cujos textos também integram a presente coletânea. Ver nota do autor à página 102. (N. dos T.)

O coronel elogia minha pontualidade:

— Pontual como os alemães — diz.

— Ou como os ingleses.

O coronel tem sobrenome alemão.

É um homem corpulento, de cabelos brancos, rosto largo, queimado de sol.

— Tenho lido suas coisas — declara. — Meus parabéns.

Enquanto serve dois grandes copos de uísque, vai informando, como ao acaso, que está há vinte anos no serviço de informações, que estudou filosofia e letras, que é um curioso da arte. Não frisa nada, simplesmente vai demarcando o terreno onde podemos operar, uma zona vagamente comum.

Pelo janelão do décimo andar se avista a cidade ao entardecer, as luzes pálidas do rio. Daqui é fácil amar Buenos Aires, ao menos por um instante. Mas não é nenhuma forma concebível de amor o que nos reuniu.

O coronel está à procura de certos nomes, de certos papéis que eu poderia ter.

Eu estou à procura de uma morta, de um ponto no mapa. Ainda não é uma busca, é apenas uma fantasia: o tipo de fantasia perversa que muitos suspeitam que eu possa ter.

Um dia (penso em momentos de ira) irei procurá-la. Ela não significa nada para mim, e no entanto irei atrás do mistério de sua morte, atrás de seus restos que apodrecem len-

tamente em algum remoto cemitério. Se a encontrar, novas grandes ondas de cólera, medo e frustrado amor se erguerão, poderosas vingativas ondas, e por um momento já não me sentirei sozinho, já não me sentirei como uma arrastada, amarga, esquecida sombra.

O coronel sabe onde ela está.

Move-se com desenvoltura no apartamento de móveis aparatosos, enfeitado de marfins e bronzes, pratos de Meissen e de Cantão. Sorrio diante do Jongkind falso, do Figari duvidoso. Penso na cara que ele faria se eu lhe dissesse quem fabrica os Jongkind, mas em vez disso elogio seu uísque.

Ele bebe com vigor, com saúde, com entusiasmo, com alegria, com superioridade, com desprezo. Seu rosto muda sem parar, enquanto suas mãos gordas giram o copo lentamente.

— Esses papéis — diz.

Olho para ele.

— Essa mulher, coronel.

Sorri.

— Tudo se encadeia — filosofa.

Um vasinho de porcelana de Viena tem um lascado na base. Uma luminária de cristal está trincada. O coronel, com os olhos brumosos e sorrindo, fala da bomba.

— Eles a explodiram aí no corredor. Achrom que a culpa é minha. Nem imaginam tudo o que fiz por eles, esses porcos.

— Muito estrago? — pergunto. Estou pouco me fodendo.

— Bastante. Minha filha. Tive que colocá-la nas mãos de um psiquiatra. Tem doze anos — diz.

O coronel bebe, com ira, com tristeza, com medo, com remorso.

Entra a mulher dele, trazendo duas xicrinhas de café.

— Conta você, Negra.

Ela se retira sem responder; uma mulher alta, orgulhosa, com um ricto de neurose. Seu desdém fica pairando como uma nuvem de poeira.

— Coitada, ficou muito abalada — explica o coronel. —

Mas para o senhor isso não tem a menor importância.

— Imagine se não tem importância!... Ovi dizer que, depois daquilo, o capitão N e o major X também sofreram desgraças.

O coronel solta uma risada.

— É a fantasia popular — diz. — Veja como funciona.

No fundo não inventam nada. Só o que fazem é repetir.

Acende um Marlboro, deixa o maço ao meu alcance, sobre a mesa.

— Me conte uma piada qualquer — diz.

Penso. Não me lembro de nenhuma.

— Uma piada política, qualquer uma, a que o senhor quiser, e eu provo que já foi inventada há vinte anos, cinquenta anos, um século. Que foi usada depois da derrota de Sedan, ou a propósito de Hindenburg, de Dollfuss, de Badoglio.

— E neste caso?

— A maldição de Turancâmon — diz o coronel. — Lord

Carnarvon. Lixo.

O coronel enxuga o suor com a mão gorda e peluda.

— Mas o major X teve mesmo um acidente, matou a própria mulher.

— Que mais? — diz, fazendo o gelo tilintar no copo.

— Deu um tiro nela de madrugada.

— Porque a confundiu com um ladrão — sorri o coronel. — Acontece.

— Mas o capitão N...

— Bateu o carro, qualquer um pode bater, ainda mais ele, que quando está de fogo não enxerga um poste a um palmo do nariz.

— E quanto ao senhor, coronel?

— Meu caso é diferente — diz. — Estou jurado. Levanta-se, dá uma volta em torno da mesa.

— Acham que a culpa é minha. Esses porcos não sabem tudo o que fiz por eles. Mas um dia a história há de ser escrita. Quem sabe o senhor a escreve.

— Gostaria muito.

— Aí vou ficar limpo, vou ficar bem. Não que eu me importe em ficar bem com esses porcos, mas perante a história, entende?

— Quem dera dependesse de mim.

— Andavam rondando. Até que uma noite um deles criou coragem. Deixou a bomba aí na frente e saiu correndo.

Mexe numa cristaleira, pega uma pequena imagem de porcelana policromada, uma pastora com um cesto de flores.

— Olhe.

A pastora tem um bracinho quebrado.

— Derby — diz. — Duzentos anos.

A pastora se perde entre seus dedos repentinamente ca-rinhosos. O coronel exhibe uma careta de ferro no rosto no- turno, dolorido.

— Por que eles acham que a culpa é sua?

— Porque fui eu que a tirei de onde ela estava, o que é verdade, e a levei para onde está agora, o que também é ver- dade. Mas o que eles não sabem é o que queriam fazer com ela, esses porcos não sabem de nada, e não sabem que fui eu quem impediu.

O coronel bebe, com ardor, com orgulho, com bravura, com eloquência, com método.

— Porque eu estudei história. Posso ver as coisas em perspectiva histórica. Eu li Hegel.

— O que queriam fazer com ela?

— Lançar no fundo do rio, atirar de um avião, queimar e jogar as cinzas na privada, dissolver em ácido. Quanto lixo temos que ouvir! Este país está coberto de lixo, ninguém sabe

de onde sai tanto lixo, mas estamos com ele até o pescoço, todos nós.

— Todos mesmo, coronel. Porque no fundo concordamos, não é? Chegou a hora de destruir. É preciso quebrar tudo.

— E urinar em cima.

— Mas sem nenhum remorso, coronel. Brandindo com alegria a bomba e a picana.<sup>2</sup> Saúde! — digo, erguendo o copo.

Não responde. Estamos sentados perto da janela. As luzes do porto brilham: azul-mercúrio. De quando em quando se ouvem buzinas de automóveis, arrastando-se ao longe como vozes de um sonho. O coronel é apenas a mancha cinza de seu rosto sobre a mancha branca de sua camisa.

— Essa mulher — o escuro murmurar. — Estava nua no caixão e parecia uma virgem. Sua pele tinha ficado transparente. Dava para ver a metástase do câncer, como um desenho num vidro embaçado.

O coronel bebe. É forte.

— Nua — diz. — Éramos quatro ou cinco, e evitávamos olhar um para o outro. Estava aquele capitão de mar e guerra, o galego que a embalsamou e não me lembro mais quem. E quando a tiramos do caixão — o coronel passa a mão pela testa —, quando a tiramos, aquele galego nojento...

Escurece aos poucos, como num teatro. O rosto do coronel é quase invisível. Só o úsque brilha em seu copo, como um fogo que se extingue lentamente. Pela porta aberta do apartamento chegam remotos ruídos. A porta do elevador se fecha no térreo, abre-se mais perto. O enorme prédio sussur-

<sup>2</sup> Picana elétrica, ou agulhão elétrico: instrumento de tortura largamente utilizado pelas forças de repressão argentinas desde a década de 1930. Consiste numa vara munida de eletrodos capazes de liberar lances de altas cargas de alta amperagem no corpo da vítima. (N. dos T.)

ra, respira, gorgoleja por seus encanamentos, suas lixeiras, suas cozinhas, suas crianças, seus televisores, suas empregadas. E agora o coronel está de pé, empunhando uma submetalhadora que eu não o vi tirar de lugar nenhum, e sai para o corredor na ponta dos pés, acende a luz de repente, espia o ascético, geométrico, irônico vazio do corredor, do elevador, das escadas, onde não há absolutamente ninguém, e volta devagar, arrastando a metralhadora.

— Pensei ter escutado um barulho. Esses porcos não vão me pegar desprevenido, como da outra vez.

Volta a se sentar, agora mais perto da janela. A metralhadora sumiu, e o coronel novamente divaga sobre aquela grande cena de sua vida.

— ... se atirou em cima dela, aquele galego nojentto. Estava apaixonado pelo cadáver, o alisava, bolinhava seus seios. Eu acertei um muro nele, olhe — o coronel olha o próprio punho —, que o estatelou contra a parede. É a podridão total, não respeitam nem a morte. Não se importa de ficar no escuro?

— Não.

— Melhor assim. Daqui posso ver a rua. E pensar. Eu sempre penso. É melhor pensar no escuro.

Serve-se mais um uísque.

— Mas essa mulher estava nua — diz, argumenta contra um invisível contraditor. — Tive que cobrir seu monte de vênus, eu a vesti com uma mortalha, e o cordão dos franciscanos.

Ri bruscamente.

— Tive que pagar a mortalha do meu próprio bolso. Mil e quatrocentos pesos. Isso prova, não? Isso prova.

Repete várias vezes “isso prova”, como um brinquedo mecânico, sem explicar o que isso provaria.

— Tive que pedir ajuda para mudá-la de caixão. Chamei uns operários que estavam trabalhando na área. Imagi-

ne como ficaram. Para essa gente, ela era uma deusa, essas coisas que enfiam na cabeça deles, coitados.

— Coitados?

— É, sim, coitados. — O coronel luta contra uma esquiava cólera interior. — Eu também sou argentino.

— Eu também, coronel, eu também. Somos todos argentinos.

— Ah, bom — diz.

— Eles a viram assim?

— Viram, já lhe disse que essa mulher estava nua. Uma deusa, e nua, e morta. Com toda a morte à mostra, sabe? Com tudo, com tudo...

A voz do coronel vai sumindo numa perspectiva surrealista, essa mínima frase cada vez mais distante enquadra em suas linhas de fuga, e a diminuição da voz mantendo a divina proporção, ou algo assim. Eu também me sirvo outro uísque.

— Isso para mim não é nada — diz o coronel. — Estou acostumado a ver mulheres nuas. Muitas na minha vida. E homens mortos. Muitos na Polônia, em 39. Eu era adido militar, calcule.

Tento calcular, adiciono mulheres nuas e homens mortos, mas a conta não fecha, não fecha, não fecha... Com um movimento muscular volto a ficar sóbrio, como um cachorro sacudindo a água.

— Aquilo para mim não era nada de mais. Mas para eles...

— Ficarão impressionados?

— Um deles desmaiou. Tive que acordá-lo a bofetadas. Eu falei: “Isso é papel que se faça, seu maricas, na hora de enterrar a sua rainha? Lembre-se de São Pedro, que pegou no sono quando estavam matando Jesus Cristo”. Depois me agradeceu.

Olho para a rua. “Coca”, diz o letreiro, prata sobre vermelho. “Cola”, diz o letreiro, prata sobre vermelho. A pupila

imensa cresce, círculo vermelho atrás de concêntrico círculo vermelho, invadindo a noite, a cidade, o mundo. "Beba".

— Beba — diz o coronel.  
Bebo.

— Está me ouvindo?

— Estou ouvindo.

— Cortamos um dedo da mão dela.

— Era necessário?

O coronel é de prata, agora. Olha o próprio indicador, demarca a ponta com a unha do polegar e a levanta.

— Um tantinho assim. Para identificá-la.

— Mas já não sabiam que era ela?

Dá risada. A mão se torna vermelha. "Beba".

— Claro que sabíamos. Mas tudo devia ser feito dentro da lei. Era um ato histórico, entende?

— Entendo.

— A impressão digital não pega na pele morta. É preciso hidratá-la. Depois, colamos de volta.

— E aí?

— Era ela. Essa mulher era ela.

— Muito mudada?

— Não, não, o senhor não entende. Igualzinha. Parecia que ia falar, que ia... O corte do dedo foi para ficar tudo dentro da lei. O professor R. controlou tudo, até tirou umas radiografias.

— O professor R.?

— Sim. Aquilo não podia ser feito por qualquer um. Era preciso alguém com autoridade científica, moral.  
Em algum lugar da casa se escuta, distante, entrecortada,

uma campainha. Não vejo a mulher do coronel entrar, mas de repente está lá, sua voz amarga, inconquistável:

— Acendo a luz?

— Não.

— Telefone.

— Diz que eu não estou.

Desaparece.

— É para me insultar — explica o coronel. — Ligam a qualquer hora. Às três da madrugada, às cinco.

— Isso é que é vontade de encher o saco — digo alegremente.

— Já troquei de número três vezes. Mas sempre acabam descobrindo.

— O que eles dizem?

— Que a minha filha vai pegar pólio. Que vão me caçar. Lixo.

Ouçõ o gelo no copo, como um chocinho distante.

— Fiz uma cerimônia, arenguei os operários. Eu respeito as ideias, falei. Essa mulher fez muito por vocês. Vou lhe dar um enterro cristão. Mas vocês têm que me ajudar.

O coronel está de pé e bebe com coragem, com exasperação, com grandes e altas ideias que refluem sobre ele como grandes ondas contra um penhasco e o deixam intacto e seco, perfurado em preto, vermelho e prata.

— Nós a tiramos de lá num furgão, ficou comigo num endereço na Viamonte, depois na 25 de Mayo, eu sempre tomando conta dela, protegendo, escondendo. Queriam tirá-la de mim, fazer alguma coisa com ela. Então a cobri com uma lona, estava no meu gabinete, em cima de um armário, bem alto. Quando me perguntavam o que era, eu dizia que era o transmissor de Córdoba, La Voz de la Libertad.<sup>3</sup>

Eu não sei onde o coronel está. O reflexo prateado procura por ele, a pupila vermelha. Talvez tenha saído. Talvez esteja zanzando entre os móveis. O prédio cheira vagamente

<sup>3</sup> Nome com que os militares revoltosos de 1955 rebarizaram a rádio LV2, da cidade de Córdoba, tomada para transmitir mensagens golpistas. (N. dos T.)

a sopa na cozinha, colônia no banheiro, fraldas no berço, remédios, cigarros, vida, morte.

— Chove — diz sua voz estranha.

Olho para o céu: o cão Sírius, o caçador Órion.

— Chove dia sim, dia não — diz o coronel. — Dia sim, dia não, chove num jardim onde tudo apodrece, as rosas, o pinheiro, o cordão franciscano.

Onde?, penso. Onde?

— Ela está de pé! — grita o coronel. — Eu a enterrei de pé, como Facundo,<sup>4</sup> porque era macho!

Então o vejo, na outra ponta da mesa. E por um instante, quando é banhado pelo brilho lívido, tenho a impressão de que está chorando, de que grossas lágrimas escorrem por seu rosto.

— Não ligue — diz, senta-se. — Estou bêbado.

E chove longamente em sua memória.

Eu me levanto, toco em seu ombro.

— Hein? — diz. — Hein? — diz.

E olha para mim com desconfiança, como um ébrio que acorda num trem desconhecido.

— Levaram para fora do país?

— Sim.

— O senhor a levou?

— Sim.

— Quantas pessoas sabem?

— Duas.

— O Velho sabe?

Dá risada.

— Pensa que sabe.

— Onde?

Não diz nada.

— É preciso escrever, publicar tudo isso.

— Sim. Um dia.

Parece cansado, distante.

— Agora! — me exaspero. — O senhor não está preocupado com a história? Eu escrevo a história, e o senhor fica bem, bem para sempre, coronel!

Sua língua se enrola, tropeça no céu da boca, nos dentes.

— Quando chegar a hora... o senhor será o primeiro...

— Não, agora mesmo. Pense. *Paris Match*. *Life*. Cinco mil dólares. Dez mil. Quanto o senhor quiser.

Dá risada.

— Onde, coronel? Onde?

Levanta-se devagar, não me reconhece. Parece a ponto de perguntar quem sou eu, o que estou fazendo ali.

E então vou saindo derrotado, pensando que devo voltar, ou que nunca voltarei. Então meu dedo indicador já inicia um incansável percurso pelos mapas, ligando isotetas, probabilidades, complicitades. Então, quando sei que já não me interessa, e que justamente não vou mexer um dedo, nem sequer num mapa, a voz do coronel me alcança como uma revelação:

— É minha — diz simplesmente. — Essa mulher é minha.

<sup>4</sup> Juan Facundo Quiroga (1788-1835), caudilho que, na guerra civil argentina da década de 1830, liderou as tropas federalistas da província de La Rioja. Segundo a lenda popular, foi sepultado em pé, fato confirmado em 2005 com a descoberta de seus despojos, ocultos numa parede falsa no cemitério portenho de La Recoleta. (N. dos T.)